

FOLHA DE PIQUI

ano II — n° 5 — janeiro/85 — crato/cariri (ce) — Cr\$ 800,

UM ANO E MEIO DE FOLHA

«no princípio a moçada era pretensão e a pretensão virou um espaço»

parque municipal, 10 de junho de 1983 crato/cariri — alguns poetas sentam na grama verde e discutem a formação de um jornal, a ideia já estava madura: o jornal seria um desconvenção espaço, portador de ideias verdes, anti-provinciano e uma «verdadeira imburana de bera de ris», pensou-se em um nome, surgiram vários, grande parte registrado no editorial do n° 1, sampicarra do exocrato, calidospiqui, the coração, the pinoel (ou the pinel) e quarto crescente (sim! geraldo urano era um dos que estavam na discussão). em um passe de mágica foi proposto FOLHA DE PIQUI, pequeno silêncio, e os poetas-fundadores-de-jornal explodem num gôzo coletivo, arriscou-se de imediato uma exaltação: a exportação verde-piqui através de um periódico literativo-marginal, ao pé da letra, explicariam-se depois, os poetas, diante do «macrofone» da rádio educadora (?) do cariri, um nome que caracterizava nossa doença colonial e um antídoto para a mesma, uma paródia-indiscritiva-magistral do grande-pomposo-suculento folha de s. paulo, seríamos assim, a fraude da fraude, renegariamos a fraude da informação, e pereceríamos um bom nome, como é bom comer um piqui no arroz.

o título não foi um título-pelo-título, o movimento sanguessuga, dissidência natural do clube literário do crato, e que naquela época desarticulava-se estruturalmente, repensou o fazer-artístico e propôs uma poesia de exportação, a poesia piqui, houve, no breve período de atividade do sanguessuga, uma «primeva» polêmica, suscitada pelas correntes que formavam os movimentos artísticos da cidade, enquanto o sanguessuga defendia um new-antropophagismus (não foi à toa que rafael assinou por muito tempo «raphael»), defendia-se uma arte sem nomenclaturas estéticas e a arte engajada ao nível povão, quebra-quebras, manifestos, discussões, cacêtes, tudo literariamente e literalmente falando, mas surgia, então, a folha de piqui, nas sombras sanguessugens e nas práxis culturais dos diversos movimentos, sob o sol escaldante de quase julho e da guerrilha inútil e útil e como registro de um amadurecimento e de uma seriedade dos que fazem arte no cari-

ri, vide confederação dos cariris, grupo improvisação, salão de outubro etc etc etc.

«tinham-se o nome do jornal e a disposição para agir, passou-se ao segundo movimento (um adágio-ma-non-treppo): batalhar patrocínio, na giria, esfaquear nossos bem-sucedidos amigos logistas; organizar matérias, diagramar e fazer a supervisão gráfica.

com o jornal circulando, esperamos calmamente as críticas: jornalzinho insignificante, burguês, subversivo, reacionário, caótico, doido, hermético, porta-voz de uma vanguarda equivocada.

a auto-crítica: mais um jornal dentro a turba de periódicos marginais/alternativos/independentes e as turbas de pápeis impressos ou mimeografos, eclético e satisfatório.

tentamos nos números seguintes, um maior dinamismo léxico de comunicação, uma maior identidade com a cultura popular e nos posicionarmos como uma vanguarda comprometida, sem pedantismo e trejeitos, em parte, porém, a desejar.

positivamente, frisamos com as demais vanguardas/jornais/movimentos desses brasis afora; o rebulício causado no «panorama social cidadão» de villa cariry, tornando a cultura mais participante; a aglutinação das diversas ideias, dando um passo assim, para uma arte unida (não confundir com unificada) e a consciência que conseguimos por a nu muitos preconceitos impostos pela cultura dominante burguesa.

para isso demos uma de bicho-de-sete-cabeças, de tudo fomos um pouco, invadimos os colégios, faculdades, bancos, repartições públicas, sindicatos, associações de bairros, entidades de classe, bairros burgueses, periféricos, feirinha de arte, feira popular, lares, fábricas, manifestações, praças, partidos políticos, lojas e até aonde não éramos esperados, chamados nem bem vistos, e nos personamos bon gratas, com exemplares debaixo do suvaco — vendendo e mendigando e impondo as ordens do dia.

até o dia que nos expulsem desse paraiso. (sic)!



XILO: NORMANDO

Contribua com a Folha

Ano novo, vida nova — e se já é bom vê a Folha circulando com força total neste 1985, melhor ainda é a pretensão de torná-la mensal.

Uma interrogação: como fazer circular mensalmente, um alternativo que, bimensal, saia numa periodicidade mais-do-que-irregular? A resposta, meu caro, está na organização e em planos estratégicos de sobrevivência à crise.

Um plano: sortear entre amigos uma linda e luxuosa coleção de um dos maiores escritores do Brasil — Jorge Amado, que por sinal, estará embarcando por aqui em março próximo para lançar o seu mais recente livro, «Tocaia Grande» (atenção caçadores de autógrafos!). A coleção é composta de 26 volumes, Editora Record, no valor atual de 500.000, e você poderá ganhá-la mediante uma contribuição de 2.000, apenas, por número.

Ajude esse Órgão cultural a sobreviver.

Confederação dos Cariris

Nos três últimos dias de setembro (VIVA SETEMBRO), as 26 pessoas que ocuparam as velhas cadeiras de um maltratado auditório-teatro na cidade de Mauriti, entreteceram-se e formaram um todo harmônico e gradioso em torno de um AINDA sentimento: A CONFEDERAÇÃO DOS CARIRIS — I Encontro dos Grupos Artístico-culturais Alternativos do Sul Cearense, que pretende organizar, de forma dinâmica e cooperativa, os grupos e/ou artistas da região para que seja mais interferente e valorizada a sua potencialidade de ação nas suas comunidades. (Pág. 6)

- ♦ Dicas e Notícias - Pág. 2
- ♦ Serra Pelada, Ouro para o bem do Brasil - L. C. Salatiel - Pág. 3
- ♦ 4 Pô - Imãs de Geraldo Urano - Pág. 4
- ♦ Abidoral Jamaru fala sobre culinária regional - Pág. 5
- ♦ O Falso Profeta - Leonel Araripe - Pág. 5
- ♦ Desavessando o Aveso - R. Proença - Pág. 8
- ♦ E mais: Poemas, Resenhas e uma Poesia Inédita de Patativa do Assaré



dicas e notícias



GUERRA E PAZ — Um dos mais importantes lançamentos na área da música independente no ano de 1984, foi, sem sombra de dúvidas, o LP **GUERRA E PAZ** de Cleivan Paiva, selo Nação Cariri Discos, já lançado em Crato, Icó, Fortaleza e São Paulo.

GUERRA E PAZ é o primeiro trabalho solo de Cleivan, um piauiense de Simões, mas que desde a infância reside no Crato, tendo, como todo autêntico artista nordestino, emigrado para o sul, tocando em estação de metrô, boates e teatros da capital paulista. Cleivan é um genuíno instrumentista, toca guitarra pra cacete e transou os arranjos com um tremendo perfeccionismo, que o resultado final do disco foi surpreendente.

As músicas trazem uma forte influência jazzística, sendo, inclusive, o arranjo de uma faixa (Perímetro Urbano) de autoria do grande Jazzman brasileiro — Victor Assis Brasil. Mas Cleivan também sofreu influências das mais diversas informações musicais: de James Taylor aos Mutantes à Raul Seixas à Banda Cabacada Irmãos Anicetes aos acordes lúdicos da rabeça do Cego Oliveira. Ele é, na essência da palavra, um repentista, pois carrega nos peitos toda a cosmovisão do verso emendado.

Seu ecletismo é fruto, também, de seu ativo passado de militante cultural: membro do Grupo Artes por Exemplo (grupo artístico idealizado pelos artistas cratenses na repressiva década de 70), participou de vários festivais de canção do Cariri, além de integrar uma conhecida banda de baile do Crato — referência obrigatória dos namorados românticos da época.

Pelo seu ecletismo, ele soube lidar e possibilitar as mais adversas parcerias, de Rosemberg Cariry ao papa-da-invenção caririense, G. Urano.

(carlos rafael)



VIAGEM AO INTERIOR DO BRASIL — No seu livro «Viagem ao Interior do Brasil», o naturalista inglês George Gardner, que morou seis meses em Crato no ano de 1836 faz, em 28 páginas, quase cem vezes referências ao Crato, analisando, de modo minucioso, nossa Flora e Fauna, especificando nossas riquezas naturais e tecendo elogios à hospitalidade do nosso povo, embora criticando os maus costumes e a ignorância dos cratenses de «baixo» nível social — reação natural, em se tratando de um «lord» inglês.

Termina o livro fazendo um verdadeiro hino de louvor ao Brasil: «não foi sem grande

pesar que deixei o Brasil, porque a vida que lá vivi era independente e livre, e para minha saúde o clima era melhor do que o da Inglaterra; que o país é belo e mais rico que qualquer outro do mundo nos objetos naturais a cujo estudo devotei minha vida».

O livro foi reeditado pela Universidade de São Paulo, e interessante seria que intelectuais e homens públicos o encaminhasse às nossas bibliotecas. Ele é um vasto material de pesquisa.

(antonio rafael dias)



IMPROVISO E AÇÃO — O teatro cratense ganhou esse ano uma nova motivação, junto com uma nova mentalidade de fazer arte cênica. É que o improvisado e ativo Grupo Improvisação («se os loucos falassem», Salão de Outubro, 1984), resolveu firmar-se como grupo estruturado, para, de fato, fazer teatro e sacudir o monótono panorama teatral da cidade. A pretensão é séria, e na primeira reunião do Grupo, dia 2 deste, já foi lançada a semente de uma práxis mais-que-dinâmica: a montagem, discussão e encenação da nova peça de Rogério Proença e Téo Leite que trata do aspecto **REPRESENTAÇÃO** (vide artigo «desa-

ndo a peça para as cidades in- (Juazeiros, Fortaleza, agor- em março na Mostra Estadual de Teatro Amador; e Recife, já estão incluídas no roteiro, além do Crato, com a estreia marcada para fevereiro).



ABIDORAL JAMACARU — Com banda nova e novas composições, Abidoral entra o ano novo com show marcado para os próximos dias 7 e 8 de fevereiro, no Teatro Balduino Bezerra (Palácio do Comércio) em Crato.

A banda é composta por Paulinho Chagas (violão e craviola), Pachelly Jamacaru (flauta e gaita), Peixinho (baixo), Wilton Dedé (bateria), Jayro Starkey (percussão) e Nivaldo (cello, violino e viola), que prometem um som pesado, devido o entrosamento conseguido em já quase dois meses de ensaios.

O show deverá excursionar em grande parte das cidades que compõem a Confederação dos Cariri: Juazeiro, Jardim, Assaré, Mauriti, Icó e Iguatu. A promoção é da Folha de Piqui.



MASTURLAVRA — Fernando Barbosa, poeta valente da terrinha, estará lançando dia 18

— EXPEDIENTE —

Folha de Piqui é uma publicação independente

Ano I — Nº 5 — Janeiro/85

Redação: Rua Cícero Araripê, 298
Tel.: (085) 521-0034 - 63.100 — Crato (CE)
Caixa Postal, 154

Editores:

c rafael, le salatiel, j normando e w. dedé

Com o apoio de:

c cunha, leonel araripe, marcos cunha, abidoral jamacaru, calzans callou e tadeu alencar.

Colaboradores:

tancredo lobo, rosângela henrique, rogerio proença, jackson bantim, g-raldo urano, patativa do assare, heracilio cabral, tiago araripe, célia regina, fernando barbosa, leila miccolis, clélio reis, leny rose, antônio eusébio, romildo alves, francis vale, fernando romão.

os artigos e opiniões emitidos, assinados ou não, SÃO adotados pela linha editorial do jornal.



Anuncie na Folha de Piqui onde seu negócio é sempre bem visto.

☎ 521-0034

deste, o seu primeiro livro «MASTURLAVRA», Edições Mutart, 1984. No lançamento está programado um recital de poemas que compõe o livro, a cargo de atores do Grupo Improvisação. Compareça, é no Auditório do Palácio do Comércio.



SHOW — Dando prosseguimento à temporada de shows programados para esse ano, o Jornal Folha de Piqui promoverá dia 1º de março um show coletivo com os músicos da região. O show será um manifesto musical, uma reivindicação da classe dos artistas a nível de organização profissional e participação social. Também, anunciará um calendário de shows individuais, onde já estão previstos dois: o de Luis Carlos Salatiel e João do Crato.

Café Tupiara

Presente nos bons momentos
Rua Mons. Esmeraldo, 711
Fone: 521-0222 Crato — CE

Laboratório Pasteur

DIREÇÃO
Dr. Joaquim Edvan Pires
Rua São Francisco, 172
Fone: 511-2166
Juazeiro do Norte — Ceará

Dr. Odécio Sousa Marques

Advogado
formado em São Paulo pela
Faculdade de Direito de
Marília
Escritório: Praça da Sé
Vizinho ao Fórum
Crato — Ceará

Banco de Cobranças do Cariri Ltda.

Organização:
Dr. José Vanderlei Landim
Rua Pe. Cícero, 419 — Sala 8
Fone: 511-0603
Juazeiro do Norte — Ceará

Serra Pelada, Ouro Para o Bem do Brasil

LC SALATIEL

Exposição do Crato, julho de 84. A gente encontra muitos amigos e, noite adentro, papos, biritas, poesia, música e «muito aluguel». Renovam-se as amizades.

A barraca do Blandino e João do Crato foi ponto da moçada mais inquieta da região. Gente bonita, colorida e de coração do tamanho do mundo. Avistei-me com Cândido Filho (Bebê) por ali. Trocamos as idéias que estou registrando na Folha:

- E aí, Bebê; (alegria, apertos de mãos e...)
- Ópa! Todo mundo s'encontrando, hein?
- É. Que bom! Cê tá onde?
- Adivinha?
- Serra Pelada.
- ...! (mudez total)
- Sério! Ouro, cara! Estou lavrando ouro por lá.

Estranho, né? Saí da bitola. Não fui pra Recife nem pra Fortaleza ser doutor. Nunca fui muito afeito a escolas mesmo. Sou muito aventureiro, cigano. A gente vai aprendendo que não existem trilhas. Faço alguma vereda. Corto caminho.

§ TIAGO, ABIDORAL, PACHELLY, CLEYVAN, LEONEL, NORMANDO, RAFAEL E EU, ESTIVEMOS NA CASA DE BIDAS TOCANDO VIOLA E FALANDO DA VIDA. FOI DEMAIS. GERALDO URANO, ONDE ESTAVA? SENTIMOS SUA FALTA.

- Pô, como pintou Serra Pelada na cabeça?
- Ah! O Charles e o Ronaldo (irmão da Célia Teles) já estão lá a algum tempo. Me deram uma força.
- Tai, não sabia se tinha gente do Crato por por lá... Mas, da idéia na cabeça até a decisão de ir... pinta conflito, não?
- E como! A gente está viciado às mordomias que a família e a cidade oferecem: casa, comida, roupa lavada, amigos dos rachas no Grangeiro, piscinas, bares etc.
- Até quando vai durar? A sobrevivência é a palavra mágica. A gente tem que sair da morgação, da engorda e partir pra luta.
- É muito amadurecimento de sua parte.

§ UM GRUPO PODE SER UM GRUPO DE TEATRO. MAURITI É BEM AQUI.

- Conta, então, como foi o lance da viagem por lá. A estória toda. Me interessei pela aventura.
- Lá vai: De Crato pra Santa Inês (Maranhão) são 36 horas de viagem no ônibus «Boa Esperança» (sugestivo); de Santa Inês você tem que chegar em Imperatriz (Maranhão, fronteira com Goiás) e de lá pra Marabá (Pará). De Marabá até Serra Pelada você tem a opção de ir de caminhão ou D-10. Pra entrar em Serra Pelada é preciso ter um passe/visto de entrada do DNPM — Departamento Nacional de Produção Mineral. Aí é que começa a aventura. Você tem que «furar» a fiscalização e en-

trar pela floresta. Encarar uma caminhada de 42Km a pé. Não é mole, não!

- E você...
- Eu fiz esse percurso numa boa.
- E lá dentro, os garimpeiros não ficam de «olhar atravessado» pros furões?
- Que nada! Entre 10 tem 6 furões. Os garimpeiros não se grilam com mais um (ou muitos) que chegam. Sabem que o ouro da Serra dá pra todos. Existe uma estimativa officiosa de que no veio central, o principal, tem uns 700 mil quilos de ouro. SERRA PELADA, OURO PARA O BEM DO BRASIL.

§ ELOI TELES COM UM NOVO CORDEL NA FEIRA. DESTAQUE PARA SUA PRIMEIRA KILO EM HOMENAGEM AO MESTRE WALDERÉDO.

- É ouro pacas!
- Se é.
- O furão tem direito a ouro também?
- Existe a fiscalização. Quando a coordenação do DNPM pega um furão, manda de volta pra Marabá. Ou, quando novos barrancos são abertos os furões são cadastrados.
- Barrancos?
- É uma área delimitada pra garimpagem: 2.20 x 2.20 m.
- Cada um pega um barranco e trabalha nele?
- Não, é o seguinte: você argumenta com o DNPM e convence-o de que pode tocar a lavra de um barranco pra frente. Ele passa a você a responsabilidade de garimpagem do barranco. Quando se tem MUITA GRANA, compensa fornecer alimentação diária pra dez, doze homens e pagá-los (em média 15.000, por dia) pra que um deles conzinhe (o Cuca que cuida da bóia de todos); outro cave, outro encha e outros seis carreguem a areia do local da cava (subindo e descendo escadas de mais de oitenta degraus, apelidadas de Rio-Bahia, Belém — Brasília e a famosa ADEUS MAMÃE) em sacas nas costas até o local do despejo. Cada um tem que tirar 25 sacas de areia diariamente. Trabalho duro. Como eu disse, quem faz dessa forma fica com 100% da produção do barranco.
- Investimento alto.
- É. Existem empresas do sul botando muito dinheiro em Serra Pelada.

§ ESTIVEMOS EM ICÓ E NOVA OLINDA. LANÇAMOS A FOLHA DE PIQUI, O CORDEL DO NORMANDO E UM LIVRO DO ROSEMBERG. GETÓLIO NO ICÓ E ALDA EM NOVA OLINDA FORAM CABEÇAS. PATATIVA VIAJOU CONOSCO E, DENTRO DO CARRO, RECITOU ALGUNS POEMAS OBS-CENOS. NÃO PODE?

- Qual é o outro jeito?
- Quando não se tem dinheiro, pega-se uma dessas empresas pra fornecer alimento (ela fica com 30% do ouro que o barranco pro-



KILO: NORMANDO

duzir), arranja-se oito homens que se disponham a cumprir as outras tarefas (5% cada um) e o dono do barranco fica com 30%. Cada um faz o que quiser com a percentagem que lhe couber.

- Onde você entra nesta estória toda?
- O Charles me cedeu 3% dos 5% que tinha. Em troca, eu vou tomar conta de um negócio de lavagem de ouro que está montando. Vai ser dono de um barranco.
- Boa Sorte, Charles!
- Merece. Ou melhor, merecemos.

§ VAGA-LUMES, O LIVRO DO GERALDO URANO É PESADO. LITERATURA MILITAR. SINAL DOS TEMPOS VINDOUROS.

- E aquela onda de fechar Serra Pelada, proibir lavra manual...?
- Tem gente querendo botar a mão sozinha no ouro do filão central. Pôrra, 700 toneladas de ouro! Mas... os garimpeiros se organizaram, bloquearam pontes, fizeram valer suas forças e conseguiram que a Serra ficasse aberta por mais três anos. Realmente, aconteceram alguns desmoronamentos provocados pela pesada maquinaria que a Vale do Rio Doce usa bem próximo aos barrancos. Mas não justifica, não! E mais, motivos algum vai afastar o garimpeiro de Serra Pelada. Lá, eles estão arriscando tudo. Até a vida. O pessoal é destemido. Em 1980 eram 12 mil garimpeiros. Hoje somos 150 mil em 87, quantos seremos? E não é só: muitas cidades daquela região dependem dessa garimpagem (Marabá, Imperatriz, Curionópolis, Paraopeba, Araguaína).
- A coisa está complexa, mesmo!

Continua na página 8

Aliança de Ouro S. A.

Comércio e Indústria

Implementos agrícolas e industriais, material de construção, material elétrico, bombas hidráulicas, piscinas e tratamento. Máquinas e móveis para escritório etc. etc.

JUAZEIRO DO NORTE

CEARÁ

4 PÔ - IMÃS DE GERALDO URANO

6 EZÊNCIA!

detroit
digo em todos os onze deltas
em todos os cinco casos
quero ângulos iguais aos dela
pro meu algastrigo
o nome do meu cinema...
sou bom no himalaia
e as baleias são nove
em telepatia com as musas
eu nasci no dia dez de uma manhã real
com os olhos iguais aos da grécia
olhando pra via lactea
por sinal
culhe trouxe um presentchpccial
é ezência!
pêssegos espaciais
tá vendo aquela constelação?
eu tenho um restaurante lá

PÔ — IMÃ

eu sou a soja e tal
a banana madura e doce
o arroz integral
este pô — imã

é uma homenagem
ao povo de israel
e aos árabes
parece refresco mas
meu mar não é de papel
é que é tão azul o céu

LUAGOSTA

pelo gostoso espaço
vai a lagosta
gosto da lua
do seu mar imenso
povoado lar
do seu magnético canto
que é meu country
vem do estrelado mar
és luminosa algaroba
eu te vejo do automóvel agora
doce sinal de trânsito
sempre no verde pra quem namora

— VEN VON ONE —

nós dois na cama
pra lá e prá cá
cantando em sânscrito



minha aromática índia e eu
o brasil é de virgem
e se prepara para falar de sexo
já na bandeira o dourado
intravia.jandunutempo
cada vez mais próximos
os belos ladrões
que roubarão a terra do escuro
oh sergipe
faça um melhor refrigerante!

geraldito urano, também conhecido por mékur
ou efe, é cratense e de gêmeos. autor de «va-
ga-lumes», e uma porrada de livros inéditos,
mas não tem a preocupação de publicá-los. seu
poema é do universo ou da nave terra.

Situação Cruciante da Edição e Distribuição de Alternativos no Brasil

leila miccolis

Quando se fala em edição alternativa no Brasil, pensa-se logo nos jornais e periódicos, força e importância que tiveram dentro do contexto da realidade brasileira. O famoso «boom» alternativo, ocorrido nos meados da década passada, se constituiu não só de grandes jornais e revistas como «Versus», «Opinião», «Pasquim», «Movimento», «Ex», «Política», «Escrita», «Polem», etc., até periódicos tão mirins que foram chamados de «nanicos», em 1975, pelo escritor João Antônio. A maior parte destes últimos divulgava poesia (muitos até exclusivamente), o que criou, no Brasil, um fenômeno inédito: o surgimento de uma imprensa poética. Tanto os nanicos quanto as publicações maiores foram de máxima importância no período de maior repressão política, por burlarem a censura prévia e adotarem uma postura francamente de oposição ao regime ditatorial.

A maior importância deles porém, a meu ver, foi terem criado (e continuarem criando, diariamente), uma imprensa com características bem brasileiras, sem o padrão e a tradição estrangeiras dos grandes jornais, inclusive aprofundando muito mais os temas abordados, já que seu compromisso maior não é com os anunciantes, mas com o conteúdo ideológico das matérias.

A edição alternativa, entretanto, não abrange apenas jornais e revistas, mas também livros. E, sob este aspecto, o fator crucial que a engendrou foi o impasse diante das diretrizes das grandes editoras, com sua política mais econômica do que cultural de publicar livros que lhes garantam lucros imediatos, privilegiando, portanto, autores consagrados, ou pelo menos, em evidência. Diante deste critério torna-se difícil, praticamente impossível ao autor iniciante ser publicado por uma dessas editoras tradicionais, em geral mais interessadas na fama do autor do que propriamente na sua obra. Acontece, porém, que só se aprende a escrever, escrevendo: se um primeiro livro ra-

mente é uma obra-prima, é talvez, no entanto, o mais importante de todo o trabalho do autor, porque sem ele não existe crítica e auto-crítica e, obviamente, não há livros subsequentes.

No Brasil, só através de publicações marginais (à margem da editoração convencional) foi (e é) possível desgavetar originais, renovar valores e questionar — por seu aspecto gráfico muitas vezes precário — a ditadura econômica e estética do bom-gosto instruído pelas grandes editoras, com seu padrão de qualidade... É bom se lembrar que, de início, não havia toda essa reflexão sobre a edição de livros alternativos, apenas uma grande vontade de se achar uma solução imediata — não falo em opção, porque não houve propriamente uma escolha, mas uma necessidade premente — para se criar um canal de expressão e divulgação desse pessoal que não tinha como veicular seu trabalho.

Hoje, até as grandes editoras começam a publicar os nomes mais destacados deste mercado paralelo... É evidente, porém, que as edições alternativas fizeram mais do que indicar bons autores; elas continuam sendo importantes também porque conseguiram firmar um certo tipo de resistência cultural, publicando propostas rebeldes e insubmissas ao poder dominante, e criando pequenos núcleos editoriais, que funcionam mais como polo cultural do que como mercado de livros. Esses pequenos grupos promovem debates, marítêm intercâmbio, organizam encontros, shows e varais poéticos em locais públicos, despertando interesse pela leitura e pela poesia em pessoa não habituadas a entrar em livrarias.

O grave problema, porém, que essas edições e mini-editoras encontram, é a distribuição, uma vez que as livrarias que lidam com material alternativo são poucas, as distribuidoras não se interessam por estas publicações, e a venda «mão-a-mão», embora funcione muito bem, torna-se a longo prazo, um processo muito desgastante para quem o pratica. Então, (dá até rima), como é que fica?

Acho que já é hora de pensarmos, também, em processos alternativos de distribuição; não para se veicular publicações alternativas com uma distribuição tradicional. É incoerência que não funciona. Em 1980, Alcides Bussa (Florianópolis/SC), criou o «Movimento de Ação do Livro — O Livro em Movimento»: 300 exemplares, 10% da tiragem, ele doou ao patrimônio público, colocando-os em circulação aberta. É ele próprio quem diz: «a pessoa recebe, lê e passa adiante. Sempre assim. Cada exemplar pode chegar a 30, 40 e até 50 pessoas. 300 exemplares podem atingir 15.000 leitores. Isto é muito, num país onde as edições de poesia costumam ter tiragem de 1.000 exemplares, e onde as do conto e romance dificilmente chegam aos 5.000».

Planos e projetos há inúmeros, todas ligadas a fazer o livrinho circular fora das livrarias e distribuidoras, procurando ampliar seu público e o seu raio de ação. Infelizmente, na prática, essas iniciativas isoladas pouco conseguem; mas cabe a nós, através de mutirões coletivos, tentar concretizá-las, em maior âmbito, para que surtam o efeito desejado e possam acompanhar a velocidade de aparecimento de novos autores e de novas produções.

Além de ser uma luta de resistência cultural e em prol de uma renovação de valores, a edição de livros alternativos no Brasil transforma, inclusive, a noção sócio-política que se tem de uma editora, que passa a ter novas funções e metas, tornando-se parte viva e dinâmica da cultura brasileira, como também modifica a idéia que se faz de um poeta, até então considerado um ser lunático, «diferente», meio místico meio mítico, alheio aos problemas de seu tempo, ou então, um intelectual encerrado em sua torre de marfim, jactando-se de seu «status» de escritor; assim, a deselitização da literatura conseguida pela editoração alternativa me parece importante, por minar o monopólio da cultura oficial e fazer surgir novas idéias que poderão gerar uma prática de vida mais libertária.

abidoral jamacaru esquece (por instantes) a música e fala de comida:

"A Cozinha Nacional tá do Nordeste pra cima"

Da entrevista publicada na edição de nº 1 do jornal Folha do Sul com Abidoral Jamacaru, seguramos um papo inédito sobre cozinha nacional (ou melhor, regional) e que agora publicamos na FP.

Para quem não sabe, Abidoral é um grande mestre-cozica, que faz mil experimentos quando está cozinhando. Ele é quem diz: «a culinária é uma arte». Depois, faz uma analogia com a música: «cozinhar é compor».

Vejam (ou ouçam) o papo:

Rafael — A COZINHA É UM PASSATEMPO PARA VOCÊ OU FAZ PARTE DA NECESSIDADE?

Abidoral — Aqui no Crato é o seguinte: um homem não pode entrar numa cozinha que é logo chamado de... amulherado (risos). Esse é o machismo que é muito forte aqui na Região do Nordeste. Mas quando eu fui para o Rio de Janeiro, já com essa idade toda, eu não sabia passar um ovo. E vou dizer: o cara comer o prato carioca todo dia, é um saco! Comer batata frita, bife, feijão preto e arroz, todo santo dia, enche o saco! E comer outro prato melhor do que esse, é preciso ter muito dinheiro. Eu não tinha essas condições, né? só podia optar por um, ou comer PF (risos) ou então, meu irmão, aprender a cozinhar. Tomei a decisão: «vou aprender a cozinhar». Aí comecei a aprender. Fui descobrindo o sentido da palavra «arte-culinária», porque realmente é uma arte. Você começa a trançar e você compõe; pega condimentos disso e daquilo, juntando a isso dá aquilo outro. E tem o lance: na cozinha tem uma coisa muito parecida com música, é o lance da composição e da estética. Quando você compõe dá uma estética nova, e, consequentemente, vem o objetivo maior que é o sabor.

Normando — E O BRASILEIRO É BEM DOTADO DA ESTÉTICA CULINÁRIA?

Rafael — É BEM SERVIDO?

Abidoral — Rapaz, o brasileiro é uma salada. Sei lá... por aí não existe uma identidade, assim...

Rafael — MAS DIGAMOS, DA COZINHA PRÓPRIA NACIONAL.

Abidoral — Há!

Rafael — A COZINHA TÍPICA NACIONAL, ISSO EXISTE?

Abidoral — A cozinha nacional tá do nordeste pra cima. Eu praticamente vi isso. Lá no Sul se fala muito em pizza, em macarronada, stroganoff, essas coisas todas. Só que esses pratos não são coisas brasileiras. O que se vê, ainda, de brasileiro, é a feijoada. O restante fica mais pra cá. Aqui é que a gente vê falar de panelada, de feijoada, de mucunzá, de baião-de-dois e de todas essas comidas que você já ouviu falar. Também, da buchada, que por sinal é uma comida muito gostosa e que lá no Sul é tida como excêntrica, não sabe?

Normando — ALEM DA CULINÁRIA, VOCÊ SE PREOCUPA MUITO COM A FAUNA E A FLORA DA REGIÃO. ISSO SE DEVE A

QUE? VOCÊ FOI CRIADO NOS «MATOS», COMO A MAIOR PARTE DOS CARIRIENSES?

Rafael — INCLUSIVE, VALE REGISTRAR. FUI TESTEMUNHA OCULAR DE UM FATO INTERESSANTE: ABIDORAL, TODO DIA EEM CEDO, ANTES DESSAS CHUVAS, ESTAVA INDO REGAR AS ÁRVORES DO PARQUE MUNICIPAL, DANDO UM EXEMPLO, POR EXEMPLO, A ESSAS EMPREITEIRAS QUE ESTÃO PODANDO AS ÁRVORES DA CIDADE INDISCRIMINADAMENTE E CRIMINOSAMENTE, CUIDADO, PRA NÃO VIRAR GAROTO-PROPAGANDA DO IBDF! (risos).

Abidoral — O engraçado é que vejo a luta do pessoal daqui pra cultivar uma região com fru-

teiras, com jardins, arborização, importando somente culturas européias. Por exemplo, você procura aqui no Crato as pessoas que conhecem as frutas nativas e conta nos dedos quem sabe realmente. São pessoas cultas até, que você conversa e elas não sabem quais são as frutas nativas da região. Que é o aragá, a manga-ba, o araticum, o piqui, e algumas outras que não me vêm a memória... o ingá, o juá, não sei mais lá. Normando deve conhecer bastante.

Normando — FALOU EM FRUTA E O PAPO VOLTOU PRA COMIDA. POR FALAR NISSO, VOCÊ JÁ COMEU UMA BUCHADA DEPOIS QUE VOLTOU?

Abidoral — Não! Não comi ainda, mas tou morrendo de vontade de comer uma lá em Expedita do Bode. Já fiz esse plano aí. Rafael é testemunha.

Rafael — NÓS VAMOS, QUALQUER DIA!

* em 11 de setembro de 1984

O FALSO PROFETA

leonel araripç

Certa vez, nas minhas andanças pela Ásia, junto à curva do rio Rutchka que circunda a montanha Bumaga, conheci um profeta. Isto foi a setecentos anos atrás, daí a única coisa que tenho das profecias é um pergaminho que rabisquei no momento de nossa conversação. Chamava-se Rabursgal, e latia. Advogava que, como o homem era lobo do homem, uns poucos podiam viver na luxúria, mesmo que fosse em consequência da fome de milhões.

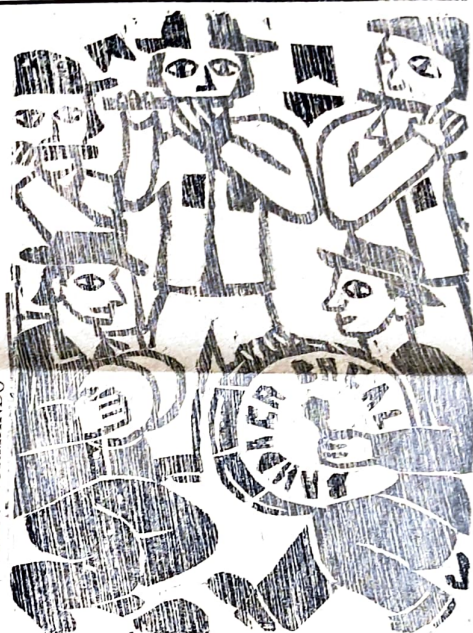
Por muito tempo fui louco, andando em túnica branca e alpercatas de couro, pelo mundo, e gritando: «Ó humanidade, fugi das profecias de Rabursgal».

Mas os reis puseram-me na mais profunda das masmorras terrestres. De quinze em quinze dias, vejo o sol. E isto é escrito na minha cota semanal de papel higiênico.

NOVAS BANDEIRAS

fecelã de esperança
faz o manto dos carneiros
um a um pulam a cerca
afastando os limites
da minha cabeça
hasteando novas bandeiras
no meu coração
ê ê ê mar
vales, montanhas
rios, florestas
vastidão
possível crescer essa fresta
na escuridão
que a luz é quem vence a luta
se a gente quer.

tiago araripç



XILO: NORMANDO

GOSTO DE AGOSTO

sob a lua de agosto
répouso meu travç
cravo na lida
as linha do «emi» (de mão)
numa linguagem
de verbo curto-continuo
de interesse, ligação
A de não
MAR de mar
alimento sonhos numa paisagem
tumultuada por grilos existentes
insistentes
e sós comigo
de tão somente.

célia regina

Casa Grande - O JEANS E A MODINHA

RUA SÃO PEDRO, 382

JUAZEIRO DO NORTE — CEARÁ

SETEMBRO DE 84 :

Movimento Confederação dos Cariris



XILO: NORMANDO

HISTÓRICO

Da idéia primeira, lançada numa reunião dos que fazem o jornal Folha de Piqui, até o que chamamos de I ENCONTRO DOS GRUPOS ARTÍSTICO-CULTURAIS DO SUL CEARANENSE, foram passados dois meses de intenso trabalho de reflexões, preparação e contactos para que se definissem e justificassem as motivações que desencadeariam O MOVIMENTO CONFEDERAÇÃO DOS CARIRIS entre os que estavam fazendo arte/cultura (organizados em grupos ou artistas isolados): um movimento de natureza orgânica (dinâmico), onde o coletivo e a cooperação mútua fossem substitutos do isolamento e da competição; um movimento que levasse o artista a tomar consciência de sua responsabilidade no desenvolvimento da realidade contemporânea (histórica) de sua comunidade vivencial; um movimento alternativo e independente, que vinculasse o potencial de ação dos que fazem arte/cultura na região.

AÇÃO

Como estratégia de ação, preparamos uma carta-circular para veicularmos a idéia do MO-

VIMENTO CONFEDERAÇÃO DOS CARIRIS entre os grupos e artistas isolados das 43 cidades que fazem parte da região sul cearense e responsabilizamos as cidades que tem um movimento cultural mais ativo pela difusão nas cidades vizinhas, ao mesmo tempo que sugerimos a realização de encontros preparatórios (micro-encontro) em cidades que chamamos de sede, onde seriam feitas discussões em torno do movimento cultural existente em cada uma delas.

- Foram sedes dos micro-encontros as cidades de:
- CRATO (Juazeiro do Norte, Barbalha, Caririagu, Miraão Velha, Santana do Cariri, Nova Olinda, Farias Brito e Jardim)
 - MAURITI (Brejo Santo, Milagres, Portelras, Jati, Abaiara, Barro, Penaforte e Aurora)
 - IGO (Orós, Cedro, Lavras da Mangabeira, Umari, Ipanamirim e Boaião)
 - IGUATU (Acopiara, Várzea Alegre, Cariris, Jucaia, Grangero, Taná, Paracambi, Arneirós, Aimbá e Saboeiro)
 - ASSARÉ (Antonina do Norte, Campos Sales, Araripe, Potengi e Altaneira)

Para unificar as discussões nos micro-encontros, sugerimos alguns tópicos (além dos citados) e deixamos espaços para outros que se definissem conforme consenso do grupo debatedor:

- Organização do Movimento Cultural na comunidade;
- Graus de Interferência do Movimento Cultural no comportamento da comunidade;
- Identificação da Comunidade com o Movimento Cultural;
- Detecção dos pontos de carência e auto-insuficiência dos grupos que compõem o Movimento Cultural;
- O artista isolado;
- Formas de intercâmbio cultural entre as cidades;
- Os meios utilizados para veiculação de idéias e produtos da atividade criativa (jornal, revista, livro, espetáculo teatral, show, galeria de arte, rádio, televisão, cinema, fotografia, etc.)

Numa tentativa de descentralização dos movimentos culturais da região, deslocamos para Mauriti o I ENCONTRO (...) — pro-

posto que foi para ser realizado no Crato — antevendo um espaço novo que se abriria para a nossa atividade (a arte) e, mais a disposição demonstrada por aquela cidade, especialmente pelos membros do grupo de teatro UM GRUPO, em bancar o evento nos dias 28, 29 e 30 de setembro 84.


O I ENCONTRO (...) — 28, 29 e 30/SET.

- sexta-feira, noite 28 — recepção. Chegaram os primeiros artistas, participantes voluntários ou representantes eleitos nos micro-encontros para fazerem as exposições sobre a realidade atual do movimento cultural de suas cidades e trazerem sugestões e deliberações tiradas nas discussões.
- sábado, manhã, 29 — apresentação. Adentramos nós, cerca de 30 artistas, o auditório/teatro do CSU de Mauriti, dispomos as cadeiras em círculo e nos apresentamos. Em seguida, começamos as exposições sobre o movimento cultural vivenciado por cada artista em suas cidades.

DESTAQUES:

- o trabalho pioneiro de Cláudio, em Assaré, que organizou e mantém um grupo mobilizado no Centro de Cultura Popular Patativa do Assaré, com um jornal (Camucho Certo) e uma escola de desenho e música;
- a experiência do mimico João Neto e sua perspectiva de crescimento no teatro;
- o Jornal O PORVIR, de Jardim, que já dura 1 ano (José Heracílio e Gracinha);
- a solitária luta pela cultura, da poetisa ALDA em Nova Olinda;
- a exposição feita por Joaquina e Marco de Juazeiro do Norte, sobre as características próprias do movimento teatral naquela cidade;
- UM GRUPO, grupo de teatro de Mauriti dirigido por Antônio Carlos, que conquistou um enorme espaço cultural da cidade, pela seriedade de suas propostas;
- o testemunho dado por Amadeu (da SCAC-Crato) do seu trabalho como professor de teatro infantil;
- a exposição de motivos, feita pelos representantes do Crato, do que os levaram a pensar na organização do MOVIMENTO CONFEDERAÇÃO DOS CARIRIS
- sábado, tarde, 29 — discussões. Foram lançados temas para que os artistas tomassem seu posicionamento em relação a eles.

Continua na página 7

Assine Folha de Piqui 

«Um Jornal de Cultura e Arte»
Rua Cicero Araripe, 296 — Pimenta — Tel. 521-6084
63.100 — Crato/CE — Caixa Postal, 154

PLANOS:	Semestral	— Cr\$ 4.800,	simples	()
	Annual	— Cr\$ 9.600,	apoio	()
		Cr\$ 18.000,	simples	()
			apoio	()

GES: o jornal circulará mensalmente.

Nome

Endereço :

Telefone : Cidade : Estado

Assinatura

Envie vale Postal em Nome de Carlos Rafael Dias

CAFÉ ITAYTERA

O CAFÉ QUE A GENTE GOSTA

Organização Lector Lima Costa S/A Indústria e Comércio

Avenida Padre Cicero — Km 2 — Crato — Ceará

F. J. Pierre & Irmãos

— TUDO PARA O SEU LAR —

Rádios — Sistemas de Som e Televisores; PHILLIPS à Cores — Refrigeradores CONFUL e BRASTEMP — Móveis e Eletrodomésticos em geral.

Rua Santos Dumont, 60 — Fone: 521-9014 — Crato — Ceará

DESFOLHANDO O PIQUI

Um ano e meio, cinco números, muito esforço, críticas, elogios e muito aprendizado. O que ficou?

Um jornal possível, na medida das possibilidades existentes e no tamanho da nossa capacidade. Assim é a Folha, nossa face espelhada em tipos, sem pretensões maiores que refletir nosso momento, sonhos e pesadelos, exprimir a arte possível, exequível, a arte popular.

Há quem não goste do que vê (lê?), que fazer? Outros gostariam que parecesse mais «UM JORNAL DE VERDADE», daria um ar de civilidade ao Cariri. Pode até ser, mas refletiria nossa realidade? Expressaria nossa cultura (ex-cultura)? E quem disse que a Folha se prestaria a esse papel, fachada, biombo?

Ficamos nisso, um jornal que nem mostra fotos de «autoridades», miss região, fazendeiro fulano de tal, mais um chafariz inaugurado... Nem ao menos temos uma «coluna social». Faz falta, sabemos. Como mandar o jor-

naleco da terra para parentes distantes se ele só escreve sobre povo, poetas, ecologia, cantadores de feira, artesanato, cordel? Que iriam pensar aí fora de nós (eles); que o povo sabe pensar e nós perdemos élan de «elite pensante»?

Não percamos a pose, sempre resta uma ou outra revista anual que mostre a face «bem» da Região (fotos e notas de parentes e amigos), mais uma Exposição Agro-pastoril e «quejandos».

Enquanto der, estaremos juntos, tentando digerir o nosso caldo cultural, coerentes com a nossa estética da arte natural, espontânea e insubmissa. Quem sabe, de tanto vivenciá-la não conseguiremos levá-la para a sala de visita, quem sabe?

Pelos bares da vida, morrendo e aprendendo a viver e amar o nosso rosto, mesmo que ele não apareça no vídeo dos meios pasteurizados da comunicação global. Afinal, é o único que temos. (j normando)

ALMA INEXATA

Há conflitos sem solução,
Há noites sem claridade,
Há medos sem ter vontade,
Repentes do coração.

Há partes sem unidade,
Há tempo sem ter idade,
Há sonhos sem ter coragem,
Palavras sem expressão.

Há avisos que não previnem,
Há doídas que nos oprimem,
Há caminhos que nos redimem,
Passos sem direção.

Há calma em ventania,
Há ritmo na calmaria,
Há luzes ao meio-dia,
Que estranha solidão.

Tadeu Alencar

EGOÍSMO

Patativa do Assaré

sem ver as grandes cegueiras
da sua própria pessoa
vive o homem sempre às carreiras
atrás de uma coisa boa
quando a coisa boa alcança
ele ainda não descansa
sente um desejo maior
esquece aquela ventura
e corre lago à procura
de outra bem melhor

se a segunda ele alcançar
aumenta mais a cansaça
fica sem se conformar
correndo atrás da terceira
vem a quarta, a quinta, a sexta
e ele sendo o mesmo bêta
correndo atrás de ventura
assim essa vida passa
e o desgraçado fracassa
no fundo da sepultura

Movimento Confederação dos Cariris

Continuação da página 6

DESTAQUES:

- os ensaios de Tancredo sobre o Papel Social da Arte e o de Geraldo Urano, polêmico, MAURIDÉRNIA, UM LUGAR POUCO CONHECIDO, POREM, MUITO BONITO, MAURITI, sábado, noite, 29 — Teatro, Apresentação da peça «FLOR DE CACTUS», texto de Lucion Caldeira tratando da loucura: a fragilidade do ser humano em sua relação com o poder exercido sobre ele pela família, pela igreja e pelo estado.
- domingo, manhã, 30 - projetos. Valtamos ao auditório/teatro para pensarmos num projeto de ação conjunta dos artistas no sentido do fortalecimento e abrangência de suas atuações. Foram votadas e aprovadas as seguintes propostas:
- não atrelar as atividades artísticas e culturais às instituições burguesas, para que não possam cobrar atuações e comportamentos ideológicos contrários ao do MOVIMENTO CONFEDERAÇÃO DOS CARIRIS (ou seja, permanecer dinâmico, independente, alternativo e contemporâneo);
- tornar mais constante, senão efetivo, o intercâmbio cultural entre todas as cidades;
- manter um boletim informativo (sugerida uma página do Jornal Folha de Piqui) onde fossem difundidas as idéias e atuações dos artistas compromissados com «o espírito» do MOVIMENTO (...);
- conquistar os espaços possíveis na comunidade com um trabalho consciente, responsável e coerente com a ideologia do MOVIMENTO (...);
- O artista deve procurar aprender mais. Ad-

quirir maior embasamento teórico e prático para as atividades que propõe assumir. Transmitir aos outros os conhecimentos adquiridos.

— domingo, tarde, 30 — Almoço de confraternização e despedida. Todos soltaram seus anjos e demônios. Teatro, música, literatura e muita emoção foram adicionados ao baião de dois.

Como resultado prático, de certa forma imediato, do I ENCONTRO (...), os artistas que ora compõem o MOVIMENTO CONFEDERAÇÃO DOS CARIRIS já se integraram nos eventos que seguem:

- EXPLOSÃO NORDESTINA, espetáculo levado pelo UM GRUPO, de Mauriti, no auditório da Rádio Educadora do Cariri no dia 5 de outubro.
- O mímico João Neto (Juazeiro do Norte) realizou em Crato um curso de mímica que interessou, em especial, aos que gostam de teatro. Dias 17 e 18 de novembro.
- Uma caravana cultural rumou a Jardim no dia 4 de novembro para participar do 1º aniversário do Jornal O PORVIR, que começou no dia anterior com mostra de arte, debate, show musical, recital e teatro.
- Os grupos FLOR DE CACTUS (Juazeiro) e UM GRUPO (Mauriti) estiveram, com destaque, na Mostra Estadual de Teatro Amador, realizada em Fortaleza, no dia 17 de novembro.
- O VII SALÃO DE OUTUBRO, realizado nos dias 26, 27 e 28 de outubro na cidade do Crato, abrangendo toda a região sul cearense. Artes Plásticas, teatro, literatura, música, recreação dirigida, cultura popular, passeata, lançamento de livro e o escambau. NADA PODERÁ APAGAR AQUELE QUE BRILHA COM LUZ PRÓPRIA



Foto: Jackson Bantim

Patativa e sua esposa, D. Belinha

PADARIA SÃO JOSÉ

— PÃES, BOLOS E BISCOITOS —

Organização: LUIZA NOGUEIRA SIDRIM

Rua José Carvalho, 131 — Crato — Ceará

LOJAS BART

ARTESANATO
LIVROS
POSTERS
PLANTAS
PEIXES

Rua Mons. Assis Feitosa, 669 — Crato - Ceará

DESAVESSANDO O AVESSO

rogério proença

«traduzir uma parte na outra parte, será arte?» quando ferreira gullar externou seu pensamento em relação à arte através de situações aparentemente opostas («uma parte de mim é todo mundo, outra parte é ninguém») («perguntou («será arte?»), pois perguntar é querer obter respostas; ele evidenciou a dialógica existente no processo artístico.

arte é, antes de tudo, tradução, tradução dialógica de uma realidade essencialmente dialética: a realidade vida, por isso, na arte, pode-se dizer que «o oposto da verdade, é igualmente a verdade», através da tradução do oposto, do contrário, chega-se a uma posição coerente.

não pretendo formar teorias ociosas nem tampouco catar definições para a arte, abidico este «árido» trabalho e deixo para a «crítica», também muito ociosa, tô querendo simplesmente levantar um questionamento sobre a função social da arte, no tocante inclusive ao tema da próxima peça teatral que em breve o grupo improvisação irá montar.

arte é manifestação de uma atividade cul-

tural de um pensamento ligado à consciência da existência, arte é liberação, através da não padronização de imagens e idéias, do potencial criativo do ser vivo, a influência do meio de produção em série, típico do sistema capitalista, é fator da padronização do pensamento humano e consequentemente da anulação do potencial criativo e «morte» do indivíduo como elemento atuante e transformador de sua realidade histórica, cumpre a arte, neste caso, o papel de romper com essa barreira anulativa imposta por um sistema autoritário, já que arte real (despadronizada) libera a capacidade criadora do ser, fazendo seu individualismo e a identidade social perdida, devido exatamente às relações sociais de poder.

o ser humano, em essência, converge para a busca dessa identidade, e uma das maneiras de encontrar essa identidade é desenvolvendo e externando a livre expressão em todos os níveis, inclusive no nível artístico, digo «uma das maneiras», porque não é somente a perda da manifestação artística que acarreta a perda da

identidade social, há outros fatores (político-sociais) que permitem a perda da identidade, mas como o papo aqui é arte, vamos analisar pelo lado artístico, tá? a arte, portanto, através da tradução despadronizada da realidade, assume um papel social de liberar o pensamento humano, aguçando o senso crítico e até mesmo atuando num processo de análise psicológica: com a arte, o indivíduo, através da tradução acima falada, melhor compreende sua existência como vítima de uma gama de conflitos e neuroses, e tomando consciência desta situação mais apto ele fica para solucionar seu conflito e consequentemente sua possível neurose, fruto também da «complexidade das relações sociais».

essa análise é válida para todo tipo de arte (até mesmo para o poema à amada querida), toda arte em si mesma já é uma arte engajada (o que seria um pleonismo chamar uma determinada expressão de «arte engajada», no dizer de carlos rafaél), toda manifestação artística tem uma característica social já que ela é expressão criativa de um ser integralmente social, agora, ao contrário da arte despadronizada que distancia a possibilidade da invasão cultural da indústria modista manutenedora da anulação de identidade, existe o que poderíamos chamar «arte consumo» que é uma «arte» padronizada fruto da própria indústria cultural modista, esta, ao contrário da primeira, enriquece o cordão umbilical da anulação e perda da individualidade criativa.

arte real, despadronizada, traduz toda uma existência do mundo para o mundo, ernest fischer, no seu livro «a necessidade da arte», afirma que enquanto houver desequilíbrio, haverá arte, arte como necessidade social? o que é fato é que as pessoas buscam através de um tipo de «representação teatral» suportar a condição de vida própria, quando uma pessoa, anulada na sua identidade social, existe socialmente, ela não assumindo sua identidade própria, assume outra identidade (possivelmente a do opressor, já que a relação opressor x oprimido é um dos fatores que permitem a castração do criativo e consequentemente a perda da identidade), representando assim outro «personagem» que não ela própria, e no momento que a arte, o teatro por exemplo, codifica uma mensagem, ele (o teatro) representa a «representação» das mentiras cotidianas das pessoas (pessoa = persona = máscara = teatro = representação). Observe, portanto, mais uma vez, o papel de tradutor que a arte exerce, este é um dos tópicos a ser explorado pela peça que o grupo improvisação está montando para fevereiro, a peça busca uma nova visão na dramaturgia atual, questionando a razão que impede as pessoas a «representar» no cotidiano e buscar na arte uma tradução dessa incoerência, — que é a própria representação ou falsa personalidade assumida devido, repito, à perda da identidade social, — e do potencial artístico, arte, portanto, não um simples dicionário, mas uma autêntica forma de expressão individual e criativa, arte livre e linda, podes cre!

Serra Pelada, Ouro Para o Bem do Brasil

Continuação da página 3

§ CONFEDERAÇÃO DOS CARIRIS — MOVIMENTO CULTURAL ALTERNATIVO.

§ O CARTAZ GENIAL QUE ANUNCIOU A CONFEDERAÇÃO DOS CARIRIS É DO NCR-MANDO. A LANÇA É DO ABIDORAL (idéia)

— Quando cheguei lá o pessoal estava organizando um grande churrasco pela vitória do movimento que conseguiu a reabertura da Serra. Um dos maiores churrascos do mundo: 100 bois e 1 km de mesa. Houve cobertura da TV Suíça, Americana e Francesa. Foi aí, porque ajudei na organização desse CHURRASCÃO, que ganhei o passe do DNPM.

— Foi fácil, não?

— Pura sorte. Quero continuar com ela.

§ AUDIZIO ESTARÁ NO JAPÃO?

§ NAS GUARIBAS ESTÃO SOCORRO CIDRIM E ANGELA TRANSANDO ROUPAS MIL PARA UM PRÓXIMO BAZAR.

— E aí, garimpeiro, como começa o dia em Serra Pelada?

— Começa muito cedo. Antes das 5 a gente está de pé. O Cuca tem preparado o café pra gente. Depois do café, saímos do barraco em direção da cava central. Uns 800 metros dali.

— Como são os barracos?

— De taipa, taboca, alvenaria. São de materiais diferentes. Iguais numa coisa: as paredes todas com fotos de mulheres nuas. Quanto mais escandalosa, melhor. Não entra mulher em Serra Pelada, aí já viu!

— Há homossexualidade?

— Não! Acho que bicha não iria aguentar parada tão dura.

Tarado, pode ser. Tem até uma estória que rola por lá a respeito de um tal Bernardão. Um puta macho de 2 metros de altura, faixa preta de judô e que ninguém pode dar

bobeira, se não o Bernardão cai em cima. É folclore. Quem vai dizer que viu o Bernardão? Ninguém.

§ O JORNAL TRIBUNA OPERÁRIA (CIRCULAÇÃO NACIONAL) CITOU A CONFEDERAÇÃO DOS CARIRIS. O MOVIMENTO.

— E a alimentação, saúde?

— A coordenação — DNPM exige um padrão muito bom de alimentação. Existem ainda problemas com a pneumonia e tuberculose. Apesar das precauções que se tem, aspira-se uma poeira muito fina quando se está trabalhando. A malária foi erradicada da região. O DNPM mantém um hospital na Serra.

§ ABIDORAL, COM MUITA RAZÃO, VAI COMEÇAR POR AQUI UMA TEMPORADA DE SHOWS. VAI SER SOM PESADO!

— Continue falando sobre o dia.

— Pois é, depois de cumprida a tarefa diária, no tempo que se achou melhor (usando os intervalos de lanche e almoço), ficamos liberados pra um futebol ou um papo (é bom travar conhecimento com gente de todas as regiões do país. Como se aprende!), à noite um cinema ao ar livre. No final da semana muitos saem para o Tinta (Curionópolis) ou Marabá pra se divertir mais, pegar mulher. Depois é dormir e sonhar com muito ouro.

— Você pode sair com ouro de lá?

— A gente vende à Caixa Econômica Federal conforme a cotação do ouro no mercado.

— São poucos os que enriquecem, não? Uma loteria.

— É, com uma diferença: a gente trabalha duramente.

— Tudo bem, Bebê! Vai fundo que embaixo tem ouro.

— Volta pra Serra em Setembro. Quem vai?

— ... (silêncio).

- DISTRIBUIDORA JUAZEIRENSE DE MIUDEZAS LTDA -

- DIJUMIL -

Miudezas, Ferragens, Louças, Alumínios, Perfumarias,
Papelerias, etc. Atacado.

DEPÓSITO FECHADO

Rua S. Francisco, 184 - Fone: 511-2659 - C. P. 121 - Juazeiro do Norte - Ceará



CRAC-BOM

— BOLACHAS, BISCOITOS E MACARRÃO —

Av. Pe. Cícero, km 2 - 511-2601 - Juazeiro do Norte-CE.